

História do curso de Enfermagem da Universidade Federal do Maranhão, *campus* Imperatriz

History of the Nursing course at the Universidade Federal do Maranhão, *campus* Imperatriz

La historia del curso de Enfermería de la Universidade Federal do Maranhão, *campus* Imperatriz

Brenda Marinho Silva Mendonça

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5852-6289>

Maria Neyrian de Fátima Fernandes

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7626-9733>

Marcela de Oliveira Feitosa

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7626-9733>

Francisca Jacinta Feitosa de Oliveira

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3226-6917>

Resumo: o estudo aborda a criação e implementação do curso de enfermagem da Universidade Federal do Maranhão em Imperatriz, Maranhão, proposto em 2006 para atender às necessidades dos profissionais na região. Utilizando uma abordagem qualitativa, exploratória e descritiva, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com sete docentes, oito ex-alunos e um diretor da época. A análise dos dados revelou várias dificuldades na implantação do curso, incluindo falta de recursos estruturais e docentes, resultando em limitações de espaço e problemas no ensino teórico e prático nos primeiros anos. No entanto, os entrevistados reconhecem a importância do curso e seu impacto positivo na saúde local, regional e nacional. Apesar das adversidades iniciais, destacam-se os avanços conquistados, como um corpo docente qualificado e instalações adequadas. Os relatos coletados permitiram reconstruir a história do curso e evidenciaram a determinação de todos os envolvidos em superar os desafios e fortalecer sua identidade. Assim, a atual trajetória do curso reflete a perseverança na busca pela excelência e consolidação na área da saúde.

Palavras-chave: História da enfermagem; educação em enfermagem; programas de graduação em enfermagem.

Abstract: this study addresses the creation and implementation of the nursing course at the *Universidade Federal do Maranhão* in Imperatriz, Maranhão, proposed in 2006 to meet the needs of professionals in the region. Using a qualitative, exploratory, and descriptive approach, semi-structured interviews were conducted with seven faculty members, eight alumni, and a director from that period. Data analysis revealed several dif-



Esta obra está licenciada com uma licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

difficulties in implementing the course, including a lack of structural and teaching resources, resulting in space limitations and issues with theoretical and practical teaching in the early years. However, the interviewees recognize the importance of the course and its positive impact on local, regional, and national health. Despite the initial adversities, they highlight the advances achieved, such as a qualified faculty and adequate facilities. The collected accounts allowed for reconstructing the course's history and demonstrated the determination of all involved to overcome challenges and strengthen its identity. Thus, the current trajectory of the course reflects perseverance in the pursuit of excellence and consolidation in the healthcare field.

Keywords: History of nursing; nursing education; nursing graduate programs.

Resumen: el estudio aborda la creación e implementación del curso de enfermería de la *Universidade Federal do Maranhão* en Imperatriz, Maranhão, propuesto en 2006 para atender las necesidades de profesionales en la región. Utilizando un enfoque cualitativo, exploratorio y descriptivo, se realizaron entrevistas semiestructuradas con siete docentes, ocho exalumnos y un director de la época. El análisis de los datos reveló varias dificultades en la implantación del curso, incluyendo la falta de recursos estructurales y docentes, lo que resultó en limitaciones de espacio y problemas en la enseñanza teórica y práctica en los primeros años. Sin embargo, los entrevistados reconocen la importancia del curso y su impacto positivo en la salud local, regional y nacional. A pesar de las adversidades iniciales, destacan los avances logrados, como un cuerpo docente calificado e instalaciones adecuadas. Los relatos recopilados permitieron reconstruir la historia del curso y evidenciaron la determinación de todos los involucrados en superar los desafíos y fortalecer su identidad. Así, la trayectoria actual del curso refleja la perseverancia en la búsqueda de la excelencia y la consolidación en el área de la salud.

Palabras clave: Historia de la Enfermería; educación en enfermería; programas de grado en enfermería.

1 Introdução

Os primeiros registros sobre a enfermagem datam do início do período medieval, em que era considerada uma prática leiga exercida principalmente por religiosos e mulheres que praticavam os cuidados aos pobres e enfermos. Mas foi apenas na era moderna, com Florence Nightingale, que surgiu o ensino da enfermagem de forma sistemática e científica, quando ela uniu as suas experiências com as irmãs da caridade e a participação como voluntária na Guerra da Criméia em 1854 para fundar a primeira escola de enfermagem do mundo no Hospital St. Thomas, Londres, em 1860 (Padilha, 2006). Concordando com Karimi e Alavi (2015), a partir do estabelecimento dessa escola, Florence transformou a enfermagem em uma profissão respeitável.

No Brasil, o primeiro projeto de sistematização de ensino de enfermagem emergiu, inicialmente, da necessidade de atender aos hospitais civis e militares e, posteriormente, às atividades de saúde pública. Anteriormente, o serviço era prestado por irmãs de caridade, o que agregava um caráter religioso ao cuidado em saúde. Com a saída abrupta das irmãs por dificuldades financeiras, e para suprir as demandas de saúde na época, o governo provisório da Primeira República, por meio do Decreto Federal nº. 791, de 27 de setembro de

1890, fundou a Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras, no Rio de Janeiro, junto ao Hospital Nacional de Alienados do Ministério dos Negócios do Interior (Geovanini, 2018).

A mencionada escola, atualmente denominada Escola de Enfermagem Alfredo Pinto (EEAP), pertence à Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Com a chegada das Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo no Brasil colonial, a sistematização do cuidado sofreu forte influência francesa. Portanto, a formação dos profissionais da antiga EEAP era inspirada nesse mesmo contexto, assim como as Escolas de Salpêtrière, na França. O curso brasileiro tinha a duração de dois anos, e a grade curricular abordava aspectos básicos, predominantemente curativos, voltados para a assistência hospitalar (Duarte, 2017).

Em 1923, o diretor do Departamento Nacional de Saúde, Carlos Chagas, fundou a Escola de Enfermagem Anna Nery. Tal fato ocorreu em alinhamento com o governo americano, que enviou enfermeiras norte-americanas provenientes do modelo nightingaleano para atuar no Brasil. É nesse momento que a enfermagem brasileira assume a sistematização de um cuidado com bases historicamente determinadas e cientificamente orientadas. Ao contrário da EEAP, a administração e o corpo docente eram de total responsabilidade dessas enfermeiras, fato que tornou um marco para profissionalização da enfermeira no país (Geovanini, 2018).

O ensino de enfermagem no Maranhão partiu da iniciativa da Igreja Católica, através da Madre Josefa Maria Aquiraz, que fundou em 19 de julho de 1948, em São Luís, Maranhão, a Escola São Francisco de Assis (ESFA), com o propósito de formar enfermeiras para os serviços de saúde na região. Na época, o estado carecia de assistência de enfermagem profissional e qualificada que atendesse aos campos hospitalares e ambulatoriais; portanto, tal ação da igreja foi um marco substancial para suprir e amenizar essa problemática (Vaz; Silva, 2013).

A formação da ESFA contou com a presença da Ir Metildes Maria de Pentecostes, enfermeira formada pela Escola Anna Nery e representante da elite médica do Maranhão. Portanto, a primeira escola do Maranhão não só pode contar com experiência de uma enfermeira de alto padrão, mas também foi estabelecido e aprovado em seu estatuto que seguiria os moldes de ensino ideal, de acordo com a legislação referente aos cursos de enfermagem no país (Rafael, 2020).

Segundo Rafael (2020), após uma inspeção realizada pelo Ministério de Educação e Saúde, em 11 de março de 1952, a ESFA foi reconhecida conforme os padrões Anna Nery, estabelecidos pelo Decreto Federal nº. 30628. No entanto, as irmãs enfrentaram diversas dificuldades, principalmente financeiras, para manter a escola, tornando-se necessário agregá-la à Universidade Católica do Maranhão em 1961, permanecendo nessa condição por seis anos. Somente em 1967, por meio da Lei nº. 5152/66, a ESFA foi incorporada à

Fundação Universidade Federal do Maranhão (UFMA), iniciando, assim, o processo de laicização e proporcionando recursos para o crescimento e aprimoramento do curso, tornando-se a referência estadual que é hoje.

Para consolidar essa expansão e notável desenvolvimento, o curso se estendeu para outras regiões do estado. Em 2006, a UFMA propôs a criação do curso de enfermagem no *Campus II*, localizado no município de Imperatriz. Essa iniciativa visava suprir as demandas regionais de saúde da época, capacitando profissionais aptos a lidar com os desafios locais (UFMA, 2009).

Apesar de recente, ainda não há um registro sistematizado da história do curso de enfermagem da UFMA no *campus* de Imperatriz. Nesse sentido, é relevante contribuir para a história e preservação da memória do ensino de enfermagem no Brasil, especialmente no município de Imperatriz, Maranhão. Dessa forma, esta pesquisa objetiva resgatar a história da elaboração e implementação do curso de enfermagem da UFMA, *Campus Imperatriz*, sob a perspectiva das pessoas que estavam diretamente envolvidas nesse processo. Consequentemente, este acervo contribuirá à memória e história da enfermagem na cidade, além de valorizar o papel da enfermagem na história social e profissional de Imperatriz e região.

2 Percorso metodológico: resgate da história e dos personagens envolvidos

Trata-se de estudo oral de vida, com uma abordagem qualitativa, exploratória e descritiva, pois descreve um fenômeno – o resgate da história da construção do curso de enfermagem da UFMA, *Campus Imperatriz*. Todo o estudo foi construído de modo conjunto entre o pesquisador e as experiências e percepções relatadas pelos indivíduos entrevistados, uma vez que a história oral é um instrumento metodológico que permite uma busca de qualidade e profundidade investigativa, com personagens sociais que estão diretamente envolvidos na construção de um determinado conhecimento (Guiraldelli, 2013).

Concordando com Bhat, Rajan e Gamage (2023), o estudo da história é essencial para a formação da compreensão do mundo que nos cerca. As narrativas históricas enriquecem a memória coletiva, moldam a identidade cultural e elucidam as origens dos sistemas sociais, políticos e econômicos. A prática da história oral busca apreender narrativas, realizada através de meios eletrônicos, com o objetivo de recolher testemunhos, promover análises de processos sociais do presente e facilitar o conhecimento do meio imediato (Meihy, 2005). Ao permitir que as pessoas contem suas próprias histórias e experiências usando suas próprias palavras e perspectivas, a história oral não apenas registra o passado, mas também fortalece as comunidades, ao dar-lhes uma voz e um sentido de continuidade e propósito, influenciando positivamente seu futuro (Thompson, 1999).

A pesquisa foi realizada no município de Imperatriz, Maranhão, cuja área territorial corresponde a 1.369,039 km², com uma população de 273.110 habitantes, segundo estimativa realizada em 2022 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2023). A pesquisa foi realizada no período de agosto a novembro de 2022. As entrevistas que ocorreram na modalidade *online* foram por meio da plataforma *Google Meet*[®], e as presenciais aconteceram no prédio da UFMA, no *Campus* centro de Imperatriz.

Para a seleção da população, foram incluídos os primeiros indivíduos que estavam envolvidos diretamente na implantação e consolidação do curso, como o diretor, os primeiros coordenadores, os professores que compuseram o primeiro quadro de docente e os discentes que passaram pelo processo inicial de estruturação do curso formados nas primeiras turmas. Foram excluídas as respostas não condizentes ou que fugiam do tema do estudo.

A coleta de dados foi feita por meio de entrevista semiestruturada individual orientada por um roteiro de questões alusivas à participação de cada grupo de entrevistados na construção do curso. A média de tempo de cada entrevista foi de 40 minutos. O questionário para os docentes foi composto por 26 perguntas e, para os egressos, 19 perguntas. Foram abordadas perguntas em que envolviam as experiências dos entrevistados com o curso, como o ano de ingresso, dificuldades, recordações e percepção atual do curso. Como fontes secundárias, foram consultados artigos e projetos políticos pedagógicos do curso que abordam a história do referido curso.

As entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas, o que impede interpretações equivocadas, pois permite uma reprodução fiel e íntegra das falas. A análise de dados deste estudo utilizou a análise de conteúdo segundo as etapas das técnicas proposta por Bardin (2015), uma vez que é o método mais utilizado para pesquisas qualitativas. Conforme Silva e Fossá (2015), devido a tamanha diversidade, principalmente pela aproximação terminológica de vários métodos, escolheu-se Bardin como balizador por ser o mais elegido entre os estudos. As etapas desta metodologia dividem-se em três fases: 1) pré-análise; 2) exploração do material; e 3) tratamento dos resultados, inferência e interpretação.

Na pré-análise, fase da organização propriamente dita, ocorreu a leitura e desmontagem dos textos para a organização do material a ser explorado, com a finalidade de sistematizar as ideias iniciais e torná-las operacionais.

Na exploração do material produzido, as operações de codificação e a efetivação das decisões foram tomadas na pré-análise. Os dados brutos do texto, por meio da decomposição, classificação, agrupamento e enumeração foram transformados, permitindo uma representação do conteúdo.

No tratamento dos resultados, inferência e interpretação, dados brutos foram trabalhados de maneira a serem significativos e válidos, destacando as informações para análise, que culminam em interpretações inferenciais (Mozzato, 2011).

Para preservar o anonimato e o sigilo das informações, optou-se por identificar os participantes por nomes de personalidades históricas da área da saúde para cada grupo pesquisado.

As informações obtidas na análise dos dados foram separadas em quatro categorias mais bem direcionadas, nomeadamente: 1) “História da implantação do curso de enfermagem da Universidade Federal do Maranhão no município de Imperatriz”; 2) “Circunstâncias e acontecimentos que marcaram a implantação do curso”; 3) “Contribuição do curso de enfermagem da UFMA para a história social e profissional da enfermagem”; e 4) “Os avanços do curso de enfermagem”. As categorias 1 e 2 constituíram o capítulo “Conhecendo o passado para compreender o presente”, e as categorias 3, 4 e 5 formaram “O presente e o futuro”.

Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFMA, por meio do Parecer Consubstanciado nº. 5.663.181, atendendo, portanto, às Resoluções nº. 466/12 e nº. 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde (CNS/MS), que rege a pesquisa realizada com seres humanos.

Ao respeito dos personagens envolvidos, foram convidados 17 professores universitários, dos quais oito aceitaram o convite, incluindo um ex-diretor do *campus* da UFMA em Imperatriz. Outros 19 alunos egressos foram convidados para compor o segundo grupo, dos quais oito concordaram em participar da pesquisa. O primeiro grupo de participantes estava na faixa etária de 39 a 66 anos, enquanto que o segundo estava na faixa de 33 a 39 anos, indicando uma população adulta madura. Para apresentar os dados, optou-se por organizar as informações em tabelas similares para facilitar a compreensão.

Tabela 1 – Perfil sociodemográfico dos docentes entrevistados do curso de enfermagem da Universidade Federal do Maranhão (n = 8), Campus Imperatriz, 2022

Variáveis	n	%
Gênero		
Feminino	6	75,0%
Masculino	2	25,0%
Idade		
30 a 40 anos	1	12,5%
>40 anos	7	87,5%
Tempo de experiência na UFMA		
<15 anos	3	37,5%
>15 anos	5	62,5%
Formação acadêmica		

Enfermeiro	5	62,5%
Farmacêutico	2	25,0%
Físico	1	12,5%
Nível de formação quando ingressos		
Especialista	2	25,0%
Mestre	6	75,0%

Fonte: autora, 2022.

A Tabela 1 mostra o perfil sociodemográfico dos docentes participantes. Entre eles, 75,0% são mulheres, demonstrando o predomínio desse gênero atuante na docência do curso de enfermagem. Além disso, apenas um participante possuía menos de 40 anos de idade, o que reflete a prevalência de profissionais experientes que compõem o quadro docente e reflete o tempo de experiência na universidade que os docentes entrevistados possuem, sendo 62,5% com mais de 15 anos de vivência na UFMA, o que sugere profissionais envolvidos diretamente com a fase inicial de implantação do curso, que ocorreu em 2006.

A Tabela 1 também mostra a formação acadêmica dos docentes entrevistados e o nível de formação quando admitidos na UFMA. Os dados demonstram que 62,5% são compostos por enfermeiras, característica já esperada por ser a área de formação do curso. Ademais, uma das docentes entrevistadas, além de enfermeira, é fisioterapeuta e pedagoga. Com relação aos títulos, quando foram admitidos, 75,0% eram mestres, o que denota uma preocupação da instituição em ofertar prioritariamente professores de nível avançado. É válido ressaltar que todos os oito professores participantes da pesquisa atualmente são doutores.

Tabela 2 – Dados do perfil sociodemográfico dos egressos entrevistados do curso de enfermagem da Universidade Federal do Maranhão (n = 8), *Campus Imperatriz*, 2022.

Variáveis	n	%
Gênero		
Feminino	5	62,5%
Masculino	3	37,5%
Idade		
<34 anos	6	75,0%
>34 anos	2	25,0%
Tempo de formação		
<2007	2	25,0%
>2007	6	75,0%

Fonte: autora, 2022.

A Tabela 2 refere-se ao perfil sociodemográfico dos egressos entrevistados. Observa-se que mais da metade, 62,5%, é composta por mulheres e 75% possuem menos de

34 anos, o que se sugere, pelos anos de conclusão da graduação, ser um público jovem. Também, mostra o ano em que os egressos participantes ingressaram no curso, sendo que 25,0% fizeram parte da primeira turma de enfermagem, ou seja, ingressaram antes do ano de 2007.

3 Conhecendo o passado para compreender o presente

Para entender a história da implantação do Curso de enfermagem da UFMA no município de Imperatriz, se faz necessário saber dos trâmites e implementação. A partir do ano de 2005, na UFMA, em São Luís, a Professora Waldeney Costa Araújo Wadie (*in memoriam*), coordenadora do curso de São Luís, em conjunto com o corpo docente, começou os trâmites legais para trazer a graduação em enfermagem para o *Campus II* - CCSST (Centro de Ciências Sociais, Saúde e Tecnologia) - situado no município de Imperatriz. Essa ação teve a intenção de suprir as necessidades regionais de saúde existentes na época, formando profissionais qualificados para atender às problemáticas da localidade (UFMA, 2020).

Segundo Informações Colhidas (SIC), o objetivo inicial era a criação de uma universidade federal para a região, no entanto não obtiveram sucesso nas negociações políticas e recorreram a um segundo plano, como observa-se nas falas a seguir:

[...] o então ministro da educação disse que não haveria criação de nenhuma universidade federal, e de fato não houve, mas que ele poderia colocar o nosso campus no programa de expansão. Nesse programa de expansão, *né, que foi uma decisão política, é que veio a permissão para se criar três novos cursos.* (Juliano Moreira, ex-diretor, 2022)

Os políticos programaram uma audiência pública no auditório da UFMA para decidir que cursos iríamos implantar na expansão, *só que isto daí foi previamente divulgado, [...] então apareceram muitos enfermeiros nessa reunião e esses enfermeiros garantiram o curso de enfermagem assim como muita gente do setor de comunicação social [...] ficou estabelecido que esses dois e mais o curso de engenharia de alimentos seriam criados.* (Entrevista de Juliano Moreira, ex-diretor, 2022)

A criação do curso de enfermagem na UFMA foi a partir de várias discussões importantes dos gestores e profissionais de saúde da região, pois não tínhamos curso de enfermagem em universidade pública na região até esta data. (Entrevista de Dona Ivone Lara, docente, 2022)

A partir dessas falas, compreendemos o desenrolar das decisões políticas que culminaram na criação do curso de enfermagem da UFMA de Imperatriz. O ministro da educação da época afirmou que não haveria a possibilidade de incluir o *campus* de Imperatriz no Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais

(REUNI). A criação do curso de enfermagem na UFMA foi resultado de discussões entre gestores e profissionais de saúde locais, sendo significativo por ser o primeiro curso público dessa área na região até então.

A decisão política nas implantações de cursos de enfermagem é algo não só comum, mas necessário. Estudo realizado por Santos (2010) corrobora esse fato, quando, em 1973, através da mobilização da câmara de deputados, foi possível promover articulações para a viabilização dos meios necessários à ampliação da Universidade Federal de Alagoas e a criação do curso de enfermagem nessa instituição.

No entanto, é válido ressaltar que tais falas divergem de algumas informações relatadas em documentos sobre a história da criação do curso, como o fato de o curso não ter sido criado a partir de uma realização de estudo regional que analisasse as necessidades e demandas de saúde e de enfermeiros em Imperatriz e região. Todavia, a criação se deu pela mobilização de profissionais enfermeiros que, por reivindicações próprias, propuseram esse novo curso para a instituição (UFMA, 2009).

Com isso, para dar continuidade à consolidação do curso, foi solicitado que a UFMA de São Luís realizasse a criação do plano político pedagógico do novo curso de enfermagem, como relata a fala: [...] aí o resto do processo foi quem faria o projeto político pedagógico. Eu solicitei que o reitor providenciasse o projeto político pedagógico de enfermagem. (Entrevista de Juliano Moreira, ex-diretor, 2022)

A partir de então, o curso passou a funcionar na modalidade presencial, em grau de bacharelado, a partir do ato de criação segundo Resolução CONSUN nº. 83, de 02 de dezembro de 2005. A autorização do Ministério da Educação foi obtida mediante Portaria nº. 90, de 17/01/2008, DOU 18/01/2008. Posteriormente, houve o reconhecimento do curso sob Portaria SESU/MEC nº. 1871, de 12/11/2010, e renovação de reconhecimento com a Portaria nº. 823, de 30/12/14, publicada no DOU 02/01/15 (UFMA, 2020).

O curso teve sua inauguração em 16 de novembro de 2006, e logo foi aberto concurso público que pudesse suprir as primeiras demandas. O seu funcionamento inicial aconteceu nas dependências do prédio do *Campus* do Centro, que era dividido com outras graduações existentes mais os dois novos cursos criados conjuntamente. No entanto, a partir das necessidades que foram surgindo, como espaço físico para laboratórios, salas próprias, coordenação e biblioteca, após oito anos, no semestre letivo de 2014.2, o curso mudou-se para o *Campus* Avançado Bom Jesus, onde funciona atualmente (UFMA, 2020).

No entanto, essa mudança não foi tão simples e teve seus lados negativos, como pode-se observar nos relatos dos entrevistados a seguir:

[...] tivemos que tentar com o município e não foi um processo fácil, foi um processo extremamente cansativo. O município negou por duas vezes e a gente pediu três vezes, a gente deve muito a um aluno nosso que era próximo do prefeito [...] conse-

gui fazer com que ele convencesse o prefeito de que era uma coisa boa doar a terra para a universidade. (Entrevista de Juliano Moreira, ex-diretor, 2022)

[...] talvez tenha sido uma localização não muito estratégica, principalmente no que diz respeito à questão de ônibus para quem precisa pegar ônibus que a maioria são estudantes [...] também a questão do acesso, né? Com as fortes chuvas [...]. (Entrevista de Maria Soldado, docente, 2022)

[...] assim que aconteceu a mudança, não tinha água, não tinha almoço, janta, então foi um sofrimento para os primeiros alunos lidarem com essas dificuldades. (Entrevista de Izabel Santos, docente, 2022)

[...] foi um processo lento e sofrido. Muito distante, estrada de chão, o prédio demorou para ser construído, não tinha linha de ônibus. (Entrevista de Rosalda Paim, docente, 2022)

A partir das falas citadas, é possível perceber que foi um processo moroso, exigindo paciência dos envolvidos, principalmente no que se diz respeito à distância e acesso. No entanto, partindo da premissa que a universidade necessitava de um novo *campus*, atrelada ao fato da doação do terreno pelo então prefeito, o *Campus Bom Jesus* foi a alternativa de escolha para uma solução emergencial. Logo, o novo espaço ofertou um ambiente amplo, com salas de aulas próprias do curso, laboratórios de disciplinas básicas e específicas e local próprio para o funcionamento da coordenação.

O fato de ter sido uma solução benéfica para o curso afirma-se nas seguintes falas:

[...] com relação à demanda dos alunos, ao espaço físico, ao espaço de laboratório, isso tudo foi muito bom. (Entrevista de Madame Durocher, docente, 2022)

[...] porque lá nós temos os nossos espaços. Nós *temos as nossas salas de aula*. Nós *temos as nossas salas de professores*. Nós *temos a nossa biblioteca [...]* os nossos laboratórios, dentre outras vantagens. (Entrevista de Maria Soldado, docente, 2022)

[...] foi muito bom, eu amo o Bom Jesus, só acho ruim o acesso, a distância, mas eu compreendo também que, para a realidade federal, pública, não dava pra gente estar localizado no centro da cidade. (Entrevista de Raquel Haddock Lobo, docente, 2022)

[...] o maior avanço do campus bom Jesus foi a gente ter o nosso espaço, e eu acho que isso foi muito necessário para a organização do curso e até para a identidade [...]. (Entrevista de Raquel Haddock Lobo, docente, 2022)

Com tais afirmações, pode-se perceber a preocupação que os docentes possuíam com a necessidade de um espaço físico próprio para os laboratórios, uma vez que, quando bem equipados, atendendo às demandas das disciplinas básicas e específicas, permite que o discente pratique o que lhe foi ensinado em teoria na sala de aula. Com isso, os estudantes vão executar procedimentos e técnicas na prática, o que, segundo Gil, Bezerra e

Almeida (2018), permite uma segurança na performance quando deparado com os desafios da profissão em diversas áreas.

Ao respeito das circunstâncias e acontecimentos que marcaram a implantação do curso, não foi um início fácil, pois a falta de planejamento, recursos estruturais e humanos adequados, condições limitadas de espaço físico e escassez de profissionais para ministração de aulas culminaram na insatisfação dos discentes, que iniciaram uma greve com duração de 17 dias (Andrade, 2011).

Quando questionados sobre as dificuldades existentes no processo inicial do curso, foram lembradas tais greves, como retratam as falas a seguir:

No meu primeiro dia de campo, e eu cheguei na universidade, *já tinha uma movimentação de greve dos alunos do curso de enfermagem [...] foi bastante assustador, eu cheguei e eles estavam assim, em umas redes deitados, acampados no campus lá do centro.* (Entrevista de Maria Soldado, docente, 2022)

[...] quando a gente entrou no primeiro dia de aula, a gente foi recebido pelo diretor do campus dizendo que nós não tínhamos professores, a gente não tinha livro e não tinha laboratório, que ele não sabia como é que ia ser [...]. (Entrevista de Lais Netto dos Reys, egressa, 2022)

A primeira greve foi solicitando melhorias estruturais para o curso, laboratório, professores, salas, melhores condições de ensino de modo geral. (Entrevista de Lydia das Dores Matta, egressa, 2022)

Por tudo, foi uma paralisação, por tudo, foi uma greve, [...] fechamos o campus, fechamos os portões, que ninguém entrava e ninguém saía. (Entrevista de Josephina de Melo, egressa, 2022)

As falas desses participantes demonstram que, mesmo diante de grandes dificuldades e sem condições básicas para o funcionamento de um curso, o comodismo não era uma opção. As greves foram uma estratégia viável e mais efetiva para voltar a atenção da reitoria ao *campus* e reivindicar melhorias, além de conseguir as mudanças que eram necessárias. Os movimentos paredistas são soluções eficazes e inerentes à história de várias universidades do Brasil que conseguiram, por esse meio, evoluir e se manter viva (Assunção; Oliveira, 2020).

O reitor da época, Natalino Salgado, juntamente com a Pró-Reitoria de Ensino, na tentativa de melhorar as condições de aprendizagem e atender às exigências dos discentes, iniciaram a reestruturação do curso, a partir de abertura de editais de concurso para professores efetivos, reformulação do projeto pedagógico, amplificação de salas. Diante das dificuldades que foram encontradas, erguer o curso foi uma tarefa complexa, no entanto todo esse percurso foi necessário, pois, a partir dessas condições, foi possível melhorar o desenvolvimento e estruturação da enfermagem no *Campus II* (Andrade, 2011).

Arelado a isso, o fato de o curso de enfermagem não possuir sua própria zona que lhe conferisse liberdade, comodidade e tranquilidade, com a disponibilidade de salas e laboratórios, retarda o seu progresso, que continuou funcionando de maneira exaustiva, até ocupar concretamente um espaço físico com a inauguração do *campus* avançado. Para Cortez (*apud* Cardoso; Dytz, 2008), a procura por um espaço físico torna-se uma maneira de lutar que se denomina “delimitação de território”. Desse modo, após conseguir um espaço específico, o curso ganha uma própria referência, identidade e visibilidade.

Ao serem questionados sobre as principais dificuldades enfrentadas nos primeiros anos do curso, fica evidente que a escassez de professores foi uma das reclamações mais frequentes, como pode ser observado a seguir:

A gente tinha um déficit muito grande de professores. Muitas disciplinas, acabava que ficava atropelando ou juntando [...] os alunos costumavam dizer que tinha data para entrar, mas não tinha data para sair [...]. (Entrevista de Madame Durocher, docente, 2022)

A gente passava o período sem professor [...] reivindicava e parava tudo, quando chegava no meio do período, eles conseguiam professor, então a gente iniciava e ia até acabar as férias para não atrasar [...] nós tivemos pouquíssimos período de férias [...] em cinco anos, uns dois meses de férias. (Entrevista de Lais Netto dos Reys, egressa, 2022)

A gente teve muita deficiência, muita disciplina em aberto, e a gente tinha poucos professores. Graças a Deus, os poucos que gente tinha eram muito dedicados. Muitas vezes, tinha professores que pegaram muito mais matérias do que eles podiam, para ver se justamente diminuía essa lacuna de deficiência de falta de professores. (Entrevista de Lydia das Dores Matta, egressa, 2022)

O MEC exige que se contrate doutores, excepcionalmente que se contrate mestres [...] foi uma briga árdua para se conseguir contratar professor que não fosse mestre [...] a gente contratava professor substituto que poderia contratar sem ser mestre, mas a gente precisava de professores do quadro, e aí que a gente teve problema. (Entrevista de Juliano Moreira, ex-diretor, 2022)

Portanto, a escassez de professores para cobrir todas as disciplinas foi uma realidade desafiadora destacada pelos participantes dos grupos entrevistados. Isso resultou em uma carga horária exaustiva para os professores, gerando insatisfação e incerteza quanto ao futuro profissional dos alunos diante de um ambiente caótico. Experiências semelhantes foram relatadas em outras universidades públicas brasileiras, como mencionado por Santos, Cruz e Faustino, ao descreverem os desafios enfrentados no início do curso de enfermagem na Universidade de Brasília, que enfrentou escassez de docentes tanto para disciplinas obrigatórias quanto para optativas.

De acordo com Santos *et al.* (2020), as consequências relatadas foram semelhantes às descritas, incluindo a redução das disciplinas oferecidas na modalidade “Verão”, que

eram ministradas por professores externos, e a sobrecarga para os docentes efetivos, que precisavam assumir várias disciplinas em diferentes semestres. No entanto, as razões para a não contratação de professores divergiam em relação ao curso em Imperatriz. Em Brasília, a justificativa residia na falta de orçamento, enquanto que, na universidade maranhense, era devido à dificuldade em contratar profissionais especializados devido à escassez de docentes com qualificações mais elevadas na região.

Ademais, atrelada a essas barreiras, residia também a dificuldade de campo de estágio, justificadas principalmente pela falta de convênios com o município e espaço para o curso nos serviços:

O estágio não acontecia nessa época aqui em Imperatriz, aconteceu um período que os alunos faziam o estágio em São Luís. iam para lá e passavam um mês, dois meses por lá pra fazer o estágio dois dentro do hospital universitário. (Entrevista de Madame Durocher, docente, 2022)

Convênios de aulas práticas e estágios não existiam, então eles não tiveram oportunidade nos primeiros anos de fazer em práticas estágios aqui no município. (Entrevista de Maria Soldado, docente, 2022)

Não foi fácil o acesso às UBS com essa mudança do COAPES, né? Essa reestruturação de distribuição dos campos de práticas, começou a haver essa competitividade com as universidades privadas. (Entrevista de Raquel Haddock Lobo, docente, 2022)

[...] quando a gente ia pela conta dos professores sem ter todo o aparato legal, a gente fazia não uma prática, a gente fazia uma observação, porque eles não podiam botar para a gente ir praticar [...]. (Entrevista de Lydia das Dores Matta, egressa, 2022)

[...] mas imagina, tirar um aluno que não tem condições da sua casa, a gente ficava em alojamento, eles davam o café da manhã, o almoço era no hospital junto com os funcionários e a janta era o que a gente conseguia fazer [...]. (Entrevista de Josephina de Melo, egressa, 2022)

A partir desses relatos, pode-se concluir que a dificuldade de acesso a campos de prática e estágio para o curso não era uma falha da UFMA, mas sim do próprio município, que dificultava o acesso, não reconhecendo a universidade pública como tendo direito ao acesso total aos serviços. Essa dificuldade de acesso aos serviços de saúde do Sistema Único de Saúde (SUS) em Imperatriz era preocupante, visto que, segundo Esteves *et al.* (2018), o estágio curricular complementa e qualifica a formação do aluno, sendo uma etapa crucial em que se espera que o estudante tenha a oportunidade de se integrar à realidade prática, vivenciando a atuação profissional do enfermeiro em um contexto amplo que inclui aspectos históricos, políticos, sociais, culturais e financeiros. Diante disso, reconhecendo a importância da prática e buscando suprir essas falhas, a universidade propôs levar os alu-

nos para a capital, na tentativa de minimizar a deficiência do contato hospitalar vivenciada durante a graduação e agilizar a conclusão do curso (Marran; Lima; Bagnato, 2015).

Os estágios supervisionados da UFMA, *campus* Imperatriz, são divididos em dois. O primeiro é realizado nas Unidades Básicas de Saúde, voltado para assistência de enfermagem na Atenção Primária à Saúde. O segundo é realizado em âmbito hospitalar, com foco em práticas de saúde para esse nível. São realizados normalmente pelos acadêmicos a partir do 9º período da graduação. Somados, os dois juntos resultam em uma carga horária de 880 horas (UFMA, 2020).

Quando perguntados se tais circunstâncias e adversidades citadas tiveram impactos no aprendizado, observam-se as seguintes respostas:

Com certeza, né, a gente não tinha material para fazer aula prática [...] foi feito tudo que estava ao nosso alcance naquele momento. Era o que nós tínhamos, mas que foi deficiente, foi [...]. (Entrevista de Madame Durocher, docente, 2022)

[...] a qualidade dos professores foi muito boa, então eu acredito que compensou. (Entrevista de Lais Netto dos Reys, egressa, 2022)

Prejudicou de certa forma, porque, dentro do período, teve disciplinas que não eram ofertadas, mas as outras que eram de maneira bem deficientes. (Entrevista de Zulema Castro, egressa, 2022)

Eu acho que comprometeu, porque quando você tem que fazer várias disciplinas e um período, *só e ela tinha que estar quebrada, a minha porcentagem de absorção*, ela vai ser menor. (Entrevista de Lydia das Dores Matta, egressa, 2022)

Com certeza, eu tive que aprender tudo na prática depois de formada e sofri muito [...]. (Entrevista de Josephina de Melo, egressa, 2022)

[...] apesar de termos um pequeno número de professores, o aprendizado foi muito bom, pois os poucos que tínhamos não mediam esforços para nos passar o aprendizado. (Entrevista de Olga Verderes, egressa, 2022)

Algumas falas indicam que as dificuldades enfrentadas no início do curso resultaram em prejuízos para o desenvolvimento das habilidades exigidas no campo profissional. Por outro lado, outras considerações destacam que a qualidade do corpo docente, aliada ao comprometimento e esforço desses professores, contribuiu para minimizar esses prejuízos e não causou danos diretamente. Nesse sentido, conforme observado por Pires (2021), reconhece-se que o processo de aprendizagem é individual: enquanto um grupo necessita de recursos materiais e estrutura para absorver melhor o conteúdo, outro grupo, motivado exclusivamente pelo engajamento dos professores, apresentou um desempenho superior, impulsionando tanto a qualidade quanto a intensidade do envolvimento na aprendizagem

4 O presente e o futuro

Atualmente, o curso de enfermagem da UFMA, Imperatriz, encontra-se no *Campus* Avançado Bom Jesus, localizado no bairro Bom Jesus. Possui espaço próprio para a coordenação do curso, salas de aula para o funcionamento dos períodos e sete laboratórios próprios de ensino (quatro de habilidades em enfermagem, dois multidisciplinares e um multidisciplinar de pesquisa). Todos atendem às necessidades de acordo com o PPC, propiciando aos discentes habilidades e competências exigidas ao percorrer do curso. Os laboratórios contam com quatro funcionários técnicos, de nível médio, para apoio às administrações desses e nas atividades de ensino (UFMA, 2020).

Para o curso de enfermagem, são disponibilizadas oito salas de aulas que atendem às necessidades institucionais e do curso. As salas oferecem condições de conforto, todas climatizadas por ar-condicionado e com mobiliários ergonomicamente adequados, passando por limpeza periódica. As salas dispõem ainda de recursos de Tecnologias da Informação e comunicação adequados às atividades a serem desenvolvidas, como quadro branco, projetor multimídia, acesso à internet via rede *wireless*, garantido aos docentes e discentes. Esses recursos passam por manutenção periódica pelo Núcleo de Tecnologia da Informação, que também assessora o corpo docente e discente, quando necessário (UFMA, 2020).

Segundo o PPC vigente, a integralização curricular atual ocorre entre dez e 15 semestres, o que já é uma atualização, pois SIC, em seu primeiro plano, o curso era integralizado em nove semestres. Anualmente, são ofertadas 100 vagas em turno integral, com uma carga horária total de 4.395 horas. Nos primeiros quatros períodos, conta com disciplinas que englobam a áreas de ciências biológicas e da saúde e ciências humanas e sociais. Já as mais específicas, que envolvem a ciências da enfermagem, com maiores cargas horárias, estão concentradas no quinto ao décimo período (UFMA, 2020).

Hoje, de acordo com o PPC (2020), a enfermagem da UFMA, *campus* Imperatriz, conta com um quadro docente formado por 32 professores de diferentes áreas. Ademais, são todos graduados na área da disciplina pelas quais são responsáveis e possuem titulação *stricto sensu* de mestrado e/ou doutorado. É válido destacar que esses citados são docentes permanentes da UFMA, sendo todos na modalidade dedicação exclusiva com 40 horas semanais.

Com relação à situação e ao cenário atual do curso, os docentes entrevistados pontuam as seguintes considerações:

Eu acho que a gente tem uma estrutura física muito boa, eu gosto da estrutura física da UFMA. (Entrevista de Anna Nery, docente, 2022)
[...] a gente ainda tem deficiência com relação a materiais dos laboratórios para o funcionamento das aulas práticas tanto das partes básicas como também da parte dos materiais que precisam de consumo [...]. (Entrevista de Madame Durocher, docente, 2022)

Precisa melhorar em muitos aspectos, mas, como eu disse, já foi bem pior [...] melhorar a estrutura dos laboratórios, principalmente com relação às disciplinas específicas, são os mesmos bonecos que eu fiz o pedido lá em 2007 [...]. (Entrevista de Maria Soldado, docente, 2022)

[...] a quantidade de livros é insuficiente porque outros cursos de saúde, como medicina, acabam utilizando o mesmo acervo [...]. (Entrevista de Izabel Santos, docente, 2022)

A estrutura atual é boa, professores excelentes, projeto pedagógico excelente [...]. (Entrevista de Rosalda Paim, docente, 2022)

Se compararmos com o início, está excelente, porém precisamos avançar nos projetos de pesquisa. (Entrevista de Dona Ivone Lara, docente, 2022)

Em algumas falas, percebe-se o contentamento de alguns docentes com relação à estrutura física e pedagógica vigente, substancialmente se comparado às experiências perpassadas na implantação do curso. Em contrapartida, algumas considerações ressaltam que ainda existem questões a serem melhoradas. Sátyro e Soraes (2007) pontuam que o fato de existir uma estrutura apropriada e auspiciosa, biblioteca com acesso a livros, espaços, laboratórios, materiais de leitura e pedagógicos, boa relação entre os discentes e professores resulta em uma melhoria no ensino. Portanto, a insatisfação de alguns docentes provém desses pontos, pois, para eles, as condições de ensino atuais, mesmo que melhores que antes, não dispõem de materiais e métodos atualizados que acompanham os avanços da educação.

Os entrevistados a seguir assumem as seguintes opiniões sobre a estrutura atual:

[...] eu sei das dificuldades que a gente teve para fazer estágio, porque a gente saiu daqui e foi para São Luís e ficou somente um mês lá [...] a gente pouco andou na UTI, Centro Cirúrgico [...] hoje, vocês têm muito mais oportunidades do que a gente teve [...]. (Entrevista de Lais Netto dos Reys, egressa, 2022)

[...] hoje, a estrutura que o curso tem é muito boa, muito melhor do que antes, em questão de campus, de professor, de grade curricular que teve outras mudanças, né, então eu achei muito melhor do que quando eu era acadêmica. (Entrevista de Lydia das Dores Matta, egressa, 2022)

Sendo bem honesta, eu acho que hoje os alunos do curso de enfermagem da UFMA, eles são abençoados [...] professores, todos eles são mestres e doutores ou estão no doutorado [...] eu vejo também que muitos alunos têm muito acesso, não só na parte didática, mas tem essa parte de pesquisa, que abre muito o olhar do aluno não só para o mercado de trabalho, mas também para ampliar o leque de áreas de atuação. (Entrevista de Josephina de Melo, egressa, 2022)

Como citado pelos egressos, os avanços não foram somente estruturais, pois, hoje, o discente do curso tem oportunidade de participar de diversas atividades extracurriculares, como bolsas remuneradas e também para voluntários em mais de 55 (cinquenta e cinco) projetos de pesquisa, ensino e extensão. Ademais, são ofertadas vagas semestrais nas

11 ligas acadêmicas que desenvolvem estudos teóricos e práticos sobre variados temas que contemplam diversas interfaces da enfermagem, promovendo atualizações científicas. Além disso, há vagas como *treinee* na Empresa Júnior de Enfermagem (EJENFE) do curso, que desenvolve projetos ofertando experiências práticas em empreendedorismo, gestão e liderança (Núcleo da Assessoria de Comunicação, *Campus Imperatriz*, 2016).

Tais atividades são relevantes para a formação profissional dos estudantes, pois os preparam para ser profissionais capacitados para a tomada de decisão, uma vez que aliam o ensino interdisciplinar com as demandas reais e urgentes da população, promovendo conhecimentos e habilidades, além de fortalecer o laço com a sociedade em uma troca de saberes acadêmicos com os da comunidade (Ferreira; Suriano; Domenico, 2018).

Hoje, o corpo discente é composto por 425 alunos, dispostos nos dez semestres que integram a grade curricular. São ofertadas semestralmente 50 vagas, e a admissão dos alunos é realizada através do Sistema de Seleção Unificada (SISU). Até o segundo semestre de 2019, foram 18 turmas formadas e 441 enfermeiros graduados, que estão inseridos no mercado de trabalho, exercendo a profissão em todo o Brasil e em diversas áreas da enfermagem (UFMA, 2020). Além disso, egressos do curso de enfermagem têm ocupado lugares de destaque na gestão de hospitais e equipes de saúde de Imperatriz.

O curso conta com um Programa de Pós-Graduação em Saúde e Tecnologia (PPGST) do Centro de Ciências de Imperatriz (CCIM) a nível de mestrado. É composto por 15 professores que, apesar da diversidade de áreas de formação, já trabalham em colaboração entre si, fortalecendo projetos com características interdisciplinares. Conta com a coordenação da Professora Adriana Gomes, do quadro docentes de enfermagem, e Aramys Silva, do curso de medicina, como vice-diretor (PPGST/CCIM, 2017).

Também, em 2023, foi aprovado o mestrado profissional da Rede Nordeste de Formação em Saúde da Família (RENASF), trazendo para o município a missão de contribuir com a formação de profissionais de saúde no contexto da Estratégia Saúde da Família, reforçando a relação entre os processos de formação e a gestão do trabalho em saúde. Além disso, a RENASF promove o fortalecimento de instâncias colegiadas que facilitem a articulação, o diálogo, a negociação e a pactuação interinstitucional, visando ao fortalecimento do SUS.

O currículo do curso de enfermagem do CCIM/UFMA está alinhado ao Projeto de Desenvolvimento Institucional da universidade e a suas políticas que integram ensino, pesquisa e extensão para formar profissionais críticos, reflexivos e criativos, com base em princípios éticos e conhecimentos interdisciplinares. As ações do curso são coerentes com a missão da UFMA e a busca pela excelência, utilizando práticas pedagógicas diversificadas e mantendo estreita cooperação com os órgãos de organização didático-pedagógica.

Os discentes da graduação realizam o estágio curricular na rede de saúde municipal do SUS, contribuindo para a melhora da qualidade e agilidade do atendimento à população e fortalecendo o vínculo da universidade com a comunidade. Por outro lado, o curso também promove a integração com a rede de serviços de saúde e já promoveu intercâmbios internacionais, além de realizar ações permanentes para a gestão do projeto político pedagógico. Além disso, está alinhado à política de acolhimento e apoio pedagógico aos estudantes; práticas inovadoras que incluem iniciação científica e ações de extensão. Na pesquisa, o curso envolve os estudantes desde o início em diversas atividades e a extensão está em processo de integração à matriz curricular, promovendo a interação entre universidade e sociedade.

Nos próximos anos, pretende-se alcançar uma composição integral do quadro docente por doutores e ampliar a atuação da universidade junto a grupos minoritários da comunidade. Além disso, visa-se aumentar o número de professores no quadro docente, com o objetivo de fortalecer ainda mais a qualidade do ensino, da pesquisa e da extensão. Em paralelo, está em processo de elaboração o primeiro programa de doutorado na área da saúde da região, na busca por estimular-se e fortalecer o apoio à qualificação profissional e a integração entre graduação e pós-graduação.

Portanto, após 16 anos, com muitas dificuldades e lutas, e com a perspicácia de todos os envolvidos nessa jornada, a enfermagem do *campus* da UFMA em Imperatriz foi se estruturando e ajustando para atender a todas as exigências e os preceitos legais, proporcionando uma formação profissional alinhada às políticas públicas de educação e saúde do Brasil. Dessa forma, o curso de enfermagem em Imperatriz tem conquistas significativas, evidenciadas não apenas pela formação de enfermeiros qualificados, mas também pela oportunidade de especialização através de programas de pós-graduação *stricto sensu*, beneficiando profissionais de diversas regiões do país.

5 Considerações finais

A partir dos relatos apresentados nesta investigação, foi possível reconstruir a história do curso de enfermagem da UFMA, *campus* Imperatriz, sob a ótica das narrativas associadas a documentos acessados. As fontes revelam que o apoio político foi imprescindível para iniciar o processo de expansão da UFMA CCSST, e, a partir dessa amplificação, os enfermeiros da época vislumbraram a oportunidade e requereram a criação do curso de enfermagem na universidade, com o intuito de atender às demandas e suprir as necessidades regionais de profissionais e de saúde existentes na época.

No entanto, a sua criação em 2006 não foi sinônimo de tranquilidade e empoderamento, pelo contrário, os primeiros docentes e discentes enfrentaram diversas condições

na implantação do curso. Enfrentaram a falta de estrutura física, recursos financeiros e humanos, convênios, entre outras adversidades que não foram suficientes para frear as lutas desses envolvidos pelo direito mínimo de melhores condições de ensino, espaço próprio e pela maior visibilidade ao curso.

Hoje, tais dificuldades foram minimizadas, e o curso de enfermagem conta com um excelente quadro de professores, em sua maioria formado por doutores, possuindo um espaço para receber os estudantes e professores, sua coordenação própria, laboratórios para as atividades práticas, assim como estruturas não físicas que possibilitam um maior desempenho e aprendizado antes não disponíveis. No entanto, apesar do grande avanço, há um caminho a trilhar para alcançar melhorias estruturais atualizadas e ofertar um ensino mais dinamizado, atendendo a máxima que o mercado exige.

Os relatos foram substanciais para o conhecimento das vivências, dos acontecimentos e das realidades à margem da história oficial. Ao refletir sobre as narrativas coletadas de cada grupo entrevistado, foi possível compreender o quanto as experiências e opiniões são individuais. Portanto, apesar das convergências em diversos pontos, cada personagem desta história dispõe do seu modo de perceber e propalar os acontecimentos protagonizados. Portanto, pode-se afirmar que a atual identidade que o curso de enfermagem da UFMA, *campus* Imperatriz, possui provém da determinação e do esforço de todos os envolvidos na luta contra os desafios e dificuldades em prol do fortalecimento e consolidação do curso.

Por fim, espera-se que esta investigação possa contribuir para manter viva a história desse curso e de todos os envolvidos, que não só passaram por ele, mas contribuíram para se tornar o que é hoje. Desse modo, que este documento, quando acessado, possa favorecer as gerações de estudantes, docentes e pesquisadores da história da enfermagem do Brasil a conhecer essa história institucional, estimulando o surgimento de outros estudos, a fim de preencher as lacunas ainda existentes na história da enfermagem local e nacional, promovendo ponderações que fortaleçam a formação de futuros enfermeiros.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Késia. **Campus de Imperatriz forma 50 estudantes no primeiro semestre de 2011**. 2011. Disponível em: <https://portais.ufma.br/PortalUfma/paginas/noticias/noticia.jsf?id=11129>. Acesso em: 30 out. 2011.
- ASSUNÇÃO, Rosângela; OLIVEIRA, Ana Paula Rocha. Docentes em luta: a greve de docentes da UESPI em 2016. **Vozes, Pretérito & Devir**: revista de história da UESPI, v. 11, n. 2, p. 237-252, 2020. Disponível em: <http://revistavozes.uespi.br/ojs/index.php/revistavozes/article/view/283>. Acesso em 13 set. 2022.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Almedina, 2015.
- BHAT, Rashid Manzoor.; RAJAN, P.; GAMAGE, Lakmini. Redressing Historical Bias: Exploring the Path to an Accurate Representation of the Past. **Journal of Social Science**, v. 4, n. 3, p. 698–705, 13 maio 2023. Disponível em: <https://jsss.co.id/index.php/jsss/article/view/573/682>. Acesso em: 31 mai. 2024.
- BRASIL; MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Resolução CNE/CES nº 3, de 7 de novembro de 2001. Institui diretrizes curriculares nacionais do curso de graduação em enfermagem. **Diário Oficial da União**, p. 37-37, 2001.
- CARDOSO, Fátima Aparecida; DYTZ, Jane Lynn Garrison. Criação e consolidação do curso de enfermagem na universidade de Brasília: uma história de tutela (1975-1986). **Escola Anna Nery**, v. 12, p. 251-257, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ean/a/jzFcm5y5hSK5NGrx7K8dkx-D/?lang=pt&format=html>. Acesso em: 12 nov. 2022.
- DUARTE, Ana Paula Ramos Silva; VASCONCELOS, Maria Viviane Lisboa; SILVA, Sóstenes Ericson Vicente. A trajetória curricular da graduação em Enfermagem no Brasil. **Revista Electronica de investigação e desenvolvimento**, v. 1, n. 7, 2017. Disponível em: <http://www.reid.ucm.ac.mz/index.php/reid/article/view/120>. Acesso em: 12 nov. 2022.
- ESTEVES, Larissa Sapucaia Ferreira, *et al.* Supervised internship in undergraduate education in nursing: integrative review. **Revista brasileira de enfermagem**, v. 71, p. 1740–1750, 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2017-0340>. Acesso em: 26 abr. 2024.
- FERREIRA, Paula Barreto; SURIANO, Maria Lúcia Fernandez; DOMENICO, Edvane Birelo Lopes. Contribuição da extensão universitária na formação de graduandos em Enfermagem. **Revista Ciência em Extensão**, v. 14, n. 3, p. 31-49, 2018. Disponível em: http://200.145.6.170/index.php/revista_proex/article/view/1874. Acesso em: 08 nov. 2022.
- GEOVANINI, Telma *et al.* História da enfermagem: versões e interpretações. In: **História da enfermagem: versões e interpretações**, 1995. p. 205-205. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-155928>. Acesso em: 02 nov. 2022.
- GIL, Meiriane Martins; BEZERRA, Rosana Mendes; DE ALMEIDA, Flávia Ferreira. A importância da utilização de laboratórios no curso de enfermagem. **CIPEEX**, v. 2, p. 1674-1680, 2018. Disponível em: <http://anais.unievangelica.edu.br/index.php/CIPEEX/article/view/2752>. Acesso em 13 set. 2022.

GUIRALDELLI, Reginaldo. Contribuições metodológicas da história oral para a pesquisa em serviço social. **História oral**, 13 de setembro de 2013. Disponível em: http://www.historiaoral.org.br/resources/anais/4/1369004525_ARQUIVO_CONTRIBUICOESMETODOLOGICASDAHISTORIAORAL-PARAAPESQUISAEMSS.pdf. Acesso em: 25 nov. 2022.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Diretoria de Pesquisas. Coordenação de População e Indicadores Sociais**. 2021. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/ma/imperatriz.html>. Acesso em: 25 out. 2022.

KARIMI, Hosein; ALAVI, Negin Masoudi. Florence Nightingale: The Mother of Nursing. **Nursing and Midwifery Studies**, v. 4, n. 2, p. 29475, 27 jun. 2015. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4557413/>. Acesso em: 26 abr. 2024.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História oral**. São Paulo: Loyola, 2005.

MARRAN, Ana Lúcia; LIMA, Paulo Gomes; BAGNATO, Maria Helena Salgado. As políticas educacionais e o estágio curricular supervisionado no curso de graduação em enfermagem. **Trabalho educação e saúde**, v. 13 n. 1, p.89-108, jan/abr. 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1981-7746-sip00025>. Acesso em 27 set. 2022.

MOZZATO, Anelise Rebelato; GRZYBOVSKI, Denize. Análise de conteúdo como técnica de análise de dados qualitativos no campo da administração: potencial e desafios. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 15, p. 731-747, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rac/a/YDnWhSkP3tzfXdb9YRLCPjn/?lang=pt>. Acesso em: 12 nov. 2022.

NÚCLEO DA ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO CAMPUS DE IMPERATRIZ. **Levantamento dos Projetos de Extensão Institucionalizados no campus Imperatriz, de acordo com a Pró-Reitoria de Extensão, Cultura e Empreendedorismo, Imperatriz, MA**, 2016. Disponível em: <http://www.ufma.br/portalUFMA/arquivo/iiKMAjTlhKtHXt8.pdf>. Acesso em: 28 nov. 2022

PIRES, Polyane Alves. **História: a motivação do aprender que vem da falta do saber**. 2020. 19 f. TCC (Graduação) - Curso de História, Universidade Federal do Tocantins, Porto Nacional, 2021. Disponível em: <http://repositorio.uft.edu.br/bitstream/11612/2723/1/Polyane%20Alves%20Pires%20-%20Artigo.pdf>. Acesso em: 04 out. 2022.

PADILHA, Maria Itayra Coelho de Souza; MANCIA, Joel Rolim. Florence Nightingale e as irmãs de caridade: revisitando a história. **Revista brasileira de enfermagem**, v. 58, p. 723-726, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/ssxh6MfGXgHZxVDpBYTjX9v/abstract/?lang=pt>. Acesso em 11 set. 2022.

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SAÚDE E TECNOLOGIA. PPGST/ CCIM. **Programa de Pós-Graduação em Saúde e Tecnologia (PPGST)**, Maranhão, Imperatriz, MA, c2017. Disponível em: https://sigaa.ufma.br/sigaa/public/programa/apresentacao_stricto.jsf?lc=pt_BR&idPrograma=1461. Acesso em: 28 nov. 2022.

RAFAEL, Eremita Val; LIMA, Rafael de Abreu; LOPES, Maria Lucia Holanda. **Produção científica do Curso de Enfermagem da UFMA: 1986 a 2018.** 2020. Disponível em: <http://www.repositorio.ufma.br:8080/jspui/handle/123456789/994>. Acesso em: 15 set. 2022.

SANTOS, Regina Maria dos *et al.* Circunstâncias de criação do Curso de Enfermagem da Universidade Federal de Alagoas: um estudo preliminar. **História da enfermagem: Revista Eletrônica (HERE)**, v. 1, n. 1, p. 69-94, 2010. Disponível em: http://www.here.abennacional.org.br/here/n1vo-l1ano1_artigo5.pdf. Acesso em 12 set. 2022.

SANTOS, Wender Ferreira; CRUZ, Keila Cristianne Trindade; FAUSTINO, Andréa Mathes. Curso de enfermagem da Universidade de Brasília: trajetória (1975-2015). **História da Enfermagem: Revista Eletrônica (HERE)**, v. 11, n. 2, p. 1-14, 2020. Disponível em: <http://here.abennacional.org.br/here/v11/n2/a1.pdf>. Acesso em 12 set. 2022.

SÁTYRO, Natália; SOARES, Serguei. A Infra-Estrutura das Escolas Brasileiras de Ensino Fundamental: Um Estudo com Base nos Censos Escolares de 1997 a 2005. **Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada-IPEA**, 2007. Disponível em: <https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/300/465>. Acesso em: 14 nov. 2022.

SILVA, Aandressa Hennig; FOSSÁ, Maria Ivete Trevisan. Análise de Conteúdo: exemplo de aplicação da técnica para análise de dados qualitativos. **Qualitas Revista Eletrônica, Campina Grande**, v. 16, n. 2, p. 01-14, jan./jun. 2015. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/230850796.pdf>. Acesso em: 25 nov. 2022.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO (UFMA). **Projeto Pedagógico do Curso de Enfermagem de Imperatriz-MA.** Maranhão, 2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO (UFMA). **Projeto Pedagógico do Curso de Enfermagem de Imperatriz-MA.** Maranhão, 2009.

VAZ, Francisca Lumara da Costa Dias; SILVA, Rosilda. Enfermagem maranhense: um recorte histórico. **História da Enfermagem: Revista Eletrônica (HERE)**, v. 4, n. 2, p. 95-111, 2013. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/bde-26794>. Acesso em: 21 out. 2022.

MINIBIOGRAFIA

Brenda Marinho Silva Mendonça

Bacharel em enfermagem pela Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz.
E-mail: brenda.msm@discente.ufma.br

Maria Neyrian de Fátima Fernandes

Doutora em Ciências pelo Programa de Enfermagem Psiquiátrica da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo. Professora Adjunta IV do Curso de Enfermagem da UFMA e do Programa de Pós-graduação em Saúde da Família (PPGSF/RENASF/UFMA).
E-mail: neyrian.maria@ufma.br

Marcela de Oliveira Feitosa

Doutora em Ciências da Saúde pelo Centro Universitário Saúde ABC/ Faculdade de Medicina do ABC. Professora Adjunta III do Curso de Enfermagem da UFMA, Imperatriz. Coordenadora da LIGA DE ATENÇÃO INTEGRAL A SAÚDE – LAAIS.
E-mail: marcela.feitosa@ufma.br

Francisca Jacinta Feitoza de Oliveira

Doutora em Ciências da Saúde pelo Centro Universitário Saúde ABC/ Faculdade de Medicina do ABC. Professora Adjunta III do Curso de Enfermagem da UFMA e do Mestrado Profissional PROFSAÚDE/FIOCRUZ/CE.
E-mail: fjf.oliveira@ufma.br

